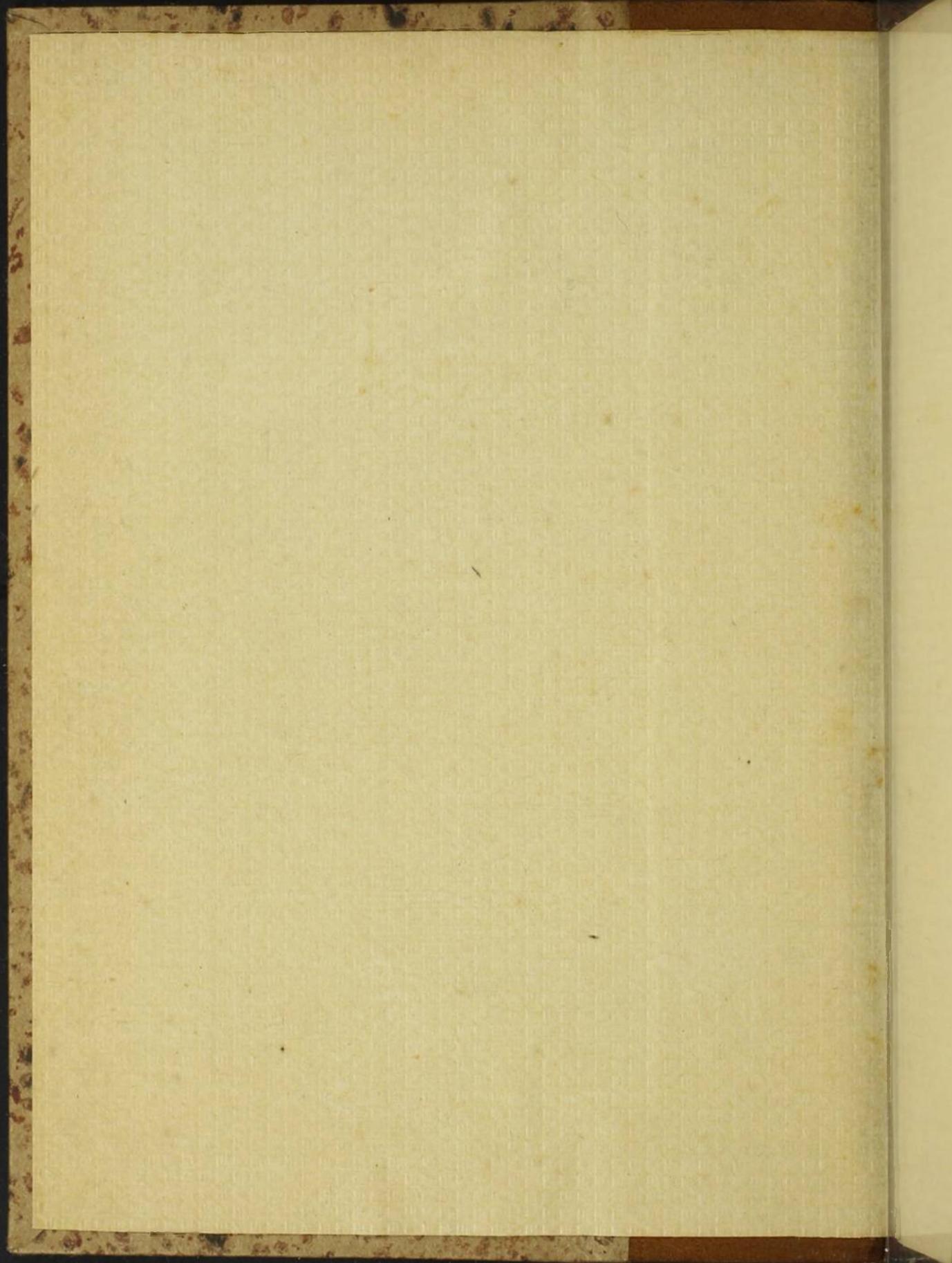


FRANÇA  
JUNIOR

XXXXXXXXXX

A LOTAÇÃO  
DOS BONDS

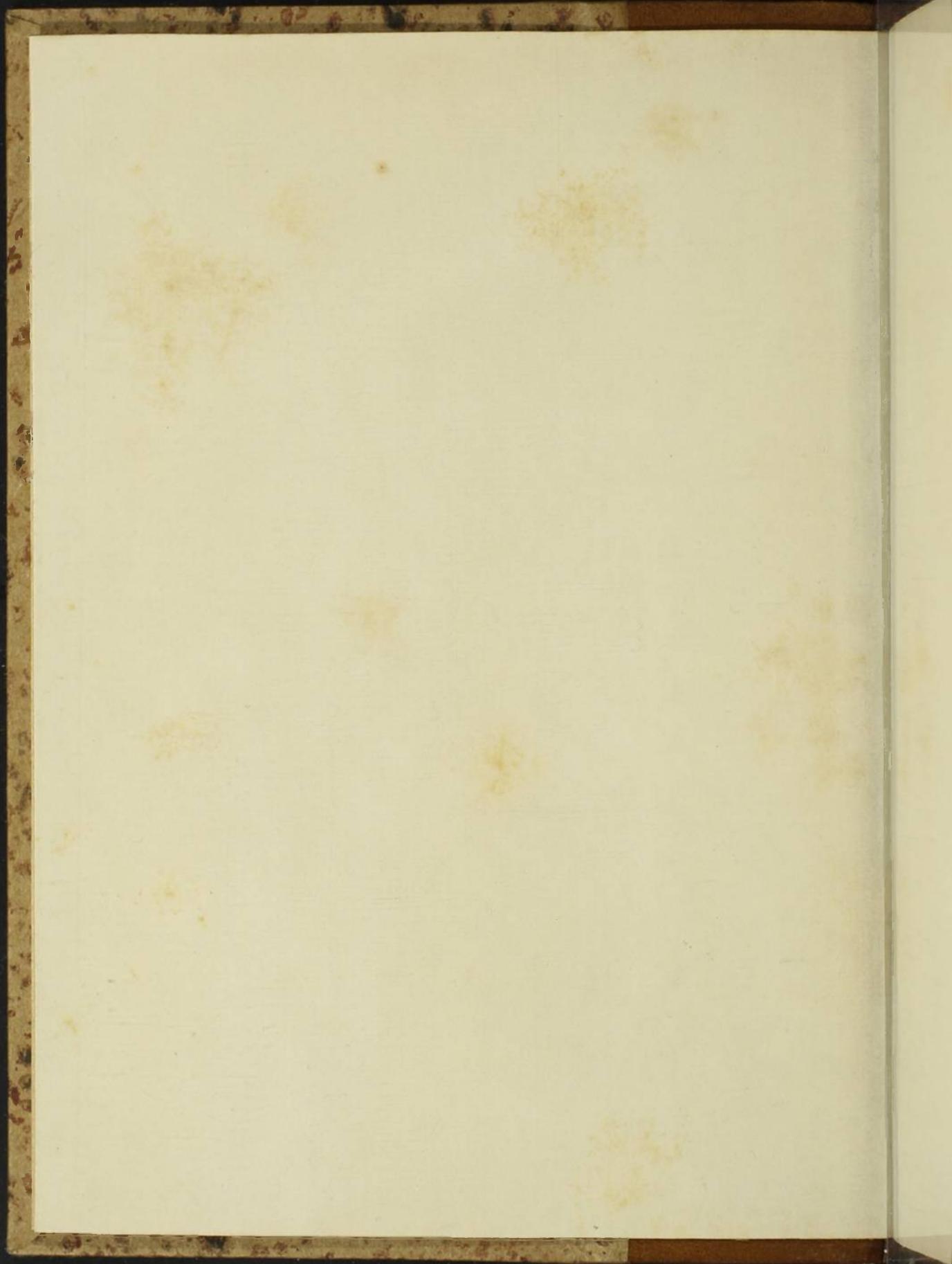
1885

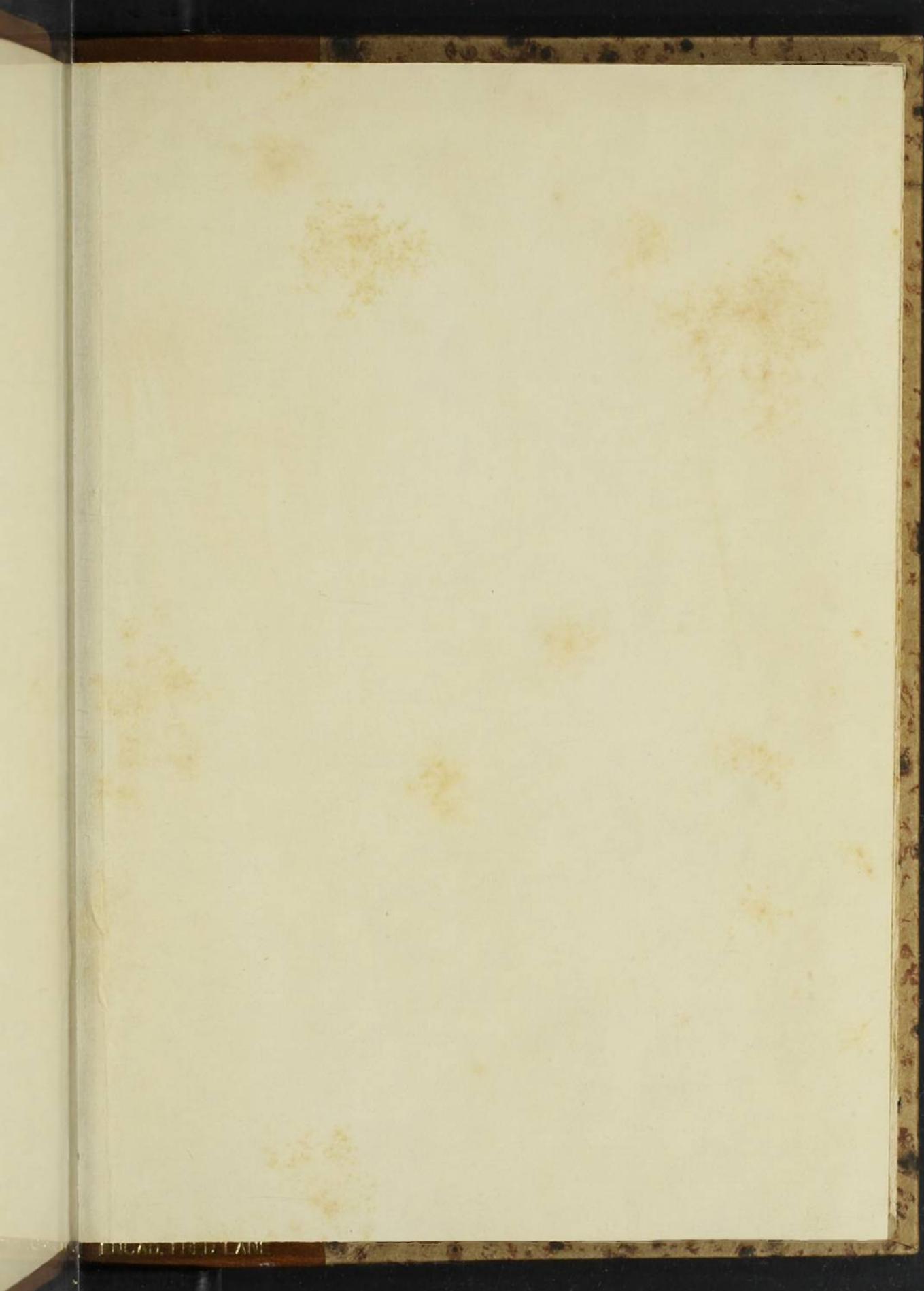


c-16  

---

233





Dea

LUSO-E

Collecção de

A LIT

COM

Na livraria

7

Theatro Moderno

LUSO-BRAZILEIRO

Collecção de comedias, dramas e  
scenas-comicas

---

N. 153

A LOTAÇÃO DOS BONDS

COMEDIA EM UM ACTO

---

A' VENDA

Na livraria de Cruz Coutinho

76 RUA DE S. JOSÉ 76

—  
1885

# A' VENDA NA LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO

73 RUA DE S. JOSÉ 73

## THEATRO MODERNO LUSO-BRAZILEIRO

COLLECCÃO DE COMEDIAS, DRAMAS E SCENAS-COMICAS

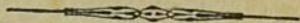
- |  |   |
|--|---|
| <p>Ns.</p> <p>1 <i>Como os anjos se vingão</i>, d. em 1 a. C. C. Branco, 1\$.</p> <p>3 <i>O Dr. Gramma</i>, c. em 2 a. 1\$.</p> <p>4 <i>O diabo a quatro n'uma hospedaria</i>, c. em 1. a., 1\$.</p> <p>5 <i>Cegueira ou bebedeira?</i> s. c. 500.</p> <p>6 <i>Um marido que é victima das modas</i>, c. em 1 acto, 1\$.</p> <p>7 <i>Ah! como eu sou besta</i>, por F. C. Vasques, 500,</p> <p>8 <i>Um par de mortes, ou a vida de um par</i>, calembourg em 1 acto, 1\$.</p> <p>9 <i>O diabo no Rio de Janeiro</i>, s. c. de F. C. Vasques, 500.</p> <p>10 <i>O Sr. Domingos fóra do sério</i>, s. c. de C. Vasques, 500.</p> <p>11 <i>Meia hora de cynismo</i>, c. em 1 a, de França Junior. 1\$.</p> <p>12 <i>As duas bengalas</i>, c. 1 a. 1\$.</p> <p>13 <i>Dois genios iguaes não fazem liga</i>, c. em 1 acto, 1\$.</p> <p>14 <i>A afillhada do barão</i>, c. em 2 actos de Mendes Leal 1\$500.</p> <p>15 <i>O menino Monclar</i>, s. c. de F. C. Vasques, 500.</p> <p>16 <i>O diabo atraz da porta</i>, comedia em 1 acto, 640.</p> <p>17 <i>Ratões da epocha</i>, c. em 1 a, 640.</p> <p>18 <i>A espadellada</i>, c. em 1 a. de Costa Lima, 1\$.</p> <p>19 <i>As pitadas do velho Cosme</i>, s. c. de F. C. Vasques, 500.</p> | <p>Ns.</p> <p>20 <i>Os namorados da Julia</i>, s. c. de F. C. Vasques, 500.</p> <p>21 <i>Uma criada impagavel</i>, comedia em 1 acto, 640.</p> <p>22 <i>Os dois ou o inglez machinista</i>, c. 1 a. de Penna, 1\$.</p> <p>23 <i>Um quarto com duas camas</i>, c. em 1 a. de Basto, 500.</p> <p>24 <i>Quasi que se pegão</i> c. 1 a. 640</p> <p>25 <i>Amor e honra</i>, drama original em 2 a., 1\$000.</p> <p>26 <i>Perdão d'acto em perspectiva</i>, c. em 1 acto, 1\$.</p> <p>27 <i>Os dais inseparaveis</i>, c. em 1 acto, 640.</p> <p>28 <i>Judas em sabbado de alleluia</i>, c. em 1 a. de Penna, 1\$.</p> <p>29 <i>O Juiz de Paz da roça</i>, c. em 1 acto de Penna, 1\$.</p> <p>30 <i>Rocamble no Rio de Janeiro</i>, s. c. de Vasques, 500.</p> <p>32 <i>O viveiro de frei Anselmo</i>, c. em 1 acto, 1\$.</p> <p>33 <i>Effeitos do vinho novo</i>, s. c. 500.</p> <p>34 <i>Como se perde um noivo</i>, comedia em 1 acto, 640.</p> <p>35 <i>Um devoto de Baccho</i>, s. c. de F. X. de Novaes, 500.</p> <p>36 <i>Casar ou metter freira</i>, c. em 1 a., de L. Mendonça, 640.</p> <p>37 <i>Affronta por affronta</i>, d. em 4 a. de L. Mendonça, 1\$000.</p> <p>38 <i>A bengala</i>, s. c. de E. G. 500</p> <p>39 <i>A familia e a festa na roça</i>, c. em 1 a. de Penna, 1\$000.</p> |
|--|---|

# A LOTAÇÃO DOS BONDS

COMEDIA EM UM ACTO

POR

FRANÇA JUNIOR



RIO DE JANEIRO  
NA LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO. EDITOR

**76 Rua de S. José 76**

—  
1885

# A' VENDA NA LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO

78 RUA DE S. JOSÉ 78

## THEATRO MODERNO LUSO-BRAZILEIRO

COLLECCÃO DE COMEDIAS, DRAMAS E SCENAS-COMICAS

- | Ns.   | Ns.   |
|---|---|
| 40 <i>O actor</i> , s. c. de F. X. de Novaes, 400.  | 86 <i>Nhó-Quim</i> , c. 1 a. e <i>Aventuras do Sr. Ventura</i> , s. c. 1\$.     |
| 41 <i>O beberão</i> , scena-comica, de F. C. Vasques, 500.  | 87 <i>O irmão das almas</i> , c. em 1 a. de Penna, 1\$000.                      |
| 42 <i>O Sr. Anselmo apaixonado pelo alcazar</i> , s. c. de Francisco Corrêa Vasques, 500.                 | 88 <i>O noviço</i> , c. em 3 a. de Penna, 1\$000.                               |
| 43 <i>Justiça</i> , drama em 2 actos, de Camillo C. Branco, 1\$.  | 89 <i>Supplicio de uma mulher</i> , d. 3 a. de A. Dumas Filho, 1\$.             |
| 73 <i>O fim do anno por um vendedor de vigesimos</i> , scena-comica de Vasques, 500.                      | 90 <i>Ora o Lopes!!</i> s. c. de A. Teixeira Filho, 500.                        |
| 74 <i>Comi o meu amigo!</i> c. em 1 acto, por Martins, 1\$000.  | 91 <i>O filho exilado</i> , s. d. — <i>Effeitos do vinho velho</i> , s. c. 500. |
| 75 <i>Morrer para ter dinheiro</i> , c. em 1 acto, 1\$000.  | 92 <i>Proezas de Nhó-Quim</i> , c. 500.   |
| 76 <i>O Vasques em Maxambomba</i> , c. em 1 acto, 1\$000.   | 93 <i>A historia de um cozinheiro</i> , s. c. 500.                              |
| 77 <i>Atribulações de um estudante</i> , c. em 1 acto. — <i>Uma oetrix no prégo</i> , s. c. 1 a., 1\$000. | 94 <i>Um contra-regra em apertos</i> , s. c. 500.                               |
| 78 <i>Entre para o club Jacome</i> , c. 1 a. de Franca Junior, 1\$.                                       | 95 <i>Amor pharmaceutico</i> , 500.   |
| 79 <i>Á cata do Mané</i> , entreacto comico (1 homem e 1 mulher), 500.                                    | 96 <i>Um concerto de rabeça</i> , s. c. 500.                                    |
| 80 <i>O defensor da classe caixeiral</i> s. c. do actor Martins, 500.                                     | 97 <i>O caloteiro em calças pardas</i> , s. c. 500.                             |
| 81 <i>A namoradaira</i> , s. c. 500.  | 98 <i>O Chico Frescata</i> , marinheiro do brigue <i>Amizade</i> , s. c. 500.   |
| 82 <i>Os dois candidatos</i> , c. 1 a. 1\$.   | 99 <i>O mundo vae torto</i> , s. 500.   |
| 83 <i>Hollandez ou pagar o mal que não fez</i> , f. 1 a. 1\$000.  | 100 <i>Não é caçoada, não</i> , 500.  |
| 84 <i>O artista</i> , d. em 1 a. (5 homens), 1\$000.  | 101 <i>O soldado n. 43</i> , s. c. 500.   |
| 85 <i>Esperteza de rato</i> , c. 1 a. — <i>Amanhã vou pedil-a</i> , s. c. 1\$.                            | 102 <i>Todo mundo é postiço</i> , s. c. 500.                                    |
|   | 103 <i>O tio Mathias pagando uma visita de amizade</i> , s. c. 500.             |
|   | 104 <i>O artilheiro</i> , s. c. 500.  |
|   | 105 <i>As delicias do fadinho</i> , s. c. 500.                                  |

# A LOTAÇÃO DOS BONDS

---

## PERSONAGENS

Camillo Corrêa. . . 26 annos	Victorino. . .	} Tenentes do Diabo
Ramiro Martins. . . 50 »	Ernesto. . .	
Elvira Martins, sua filha. . . . . 18 »	Gonzaga. . .	
Joaquim Pimenta. 40 »	Carneiro. . .	
Josepha Pimenta, sua mulher. . . . 25 »	Magalhães. .	
	Um criado do hotel	

A scena passa-se no hotel de Londres

EPOCHA — ACTUALIDADE

---

## Acto unico

O theatro representa uma sala do — Hotel de Londres —  
no Jardim Botanico

### SCENA I

VICTORINO, ERNESTO, GONZAGA, MAGALHÃES e CARNEIRO

*(Que comem sentados ao redor de uma mesa)*

VICTORINO.— Vivão os Tenentes do Diabo!

Todos.— Hip! hip! urrah!

ERNESTO.— Tu gritas mais do que comes, meu caro amigo. Toma o exemplo do Magalhães, que come sem gritar.

GONZAGA.— *(Batendo no hombro de Magalhães.)* E' um excellente garfo!

CARNEIRO.— *(Levantando-se.)* Meus senhores,

quem devora por este modo merece a consideração e respeito de seus consocios. Eu proponho que o Magalhães seja promovido a capitão do Diabo.

Todos.— Apoiado!

CARNEIRO.— Não deve marcar passo em tenente quem occupa sempre um lugar de honra em nossos passeios, atacando com valor inexcedivel as sopeiras e as terrinas, e realisando as mais bem combinadas operações de queixo.

ERNESTO.— E' um Moltke!

CARNEIRO.— Vejão: elle acaba de plantar o estandarte da victoria sobre o esqueleto deste perú.

MAGALHÃES.— Por fallar em perú, passa-me aquelle frango de cabidella.

VICTORINO.— Já não ha mais.

MAGALHÃES.— (*Batendo no prato.*) Garçon! Garçon! (*Apparece o criado.*)

ERNESTO.— Frango de cabidella a um. (*O criado vae a schir.*)

CARNEIRO.— (*Chamando o criado.*) Venha cá, traga para quatro.

MAGALHÃES.— Dizes muito bem: eu só valho por quatro de vocês. (*O criado sae, volta depois com o prato pedido.*)

CARNEIRO.— Não contesto.

MAGALHÃES.— E provo-o já.

VICTORINO.— Vejamos.

MAGALHÃES.— Qual é o fim do nosso passeio hoje ao Jardim Botânico?

ERNESTO.— Divertirmo-nos.

GONZAGA.— Um pretexto para te ver comer.

MAGALHÃES.— Não sejão modestos; estamos em

familia e podemos dizer que nós, os Tenentes do Diabo, só de diabos temos o nome quando, dominados pelos mais bellos sentimentos, sahimos pelas ruas a implorar do generoso povo fluminense o obolo da caridade em favor dos desgraçados e opprimidos.

GONZAGA.— Bonito, seu Magalhães.

MAGALHÃES.— Não vimos aqui hoje esmolar para as victimas da epidemia de Buenos-Ayres? Pois bem, abrão as saccolas, e eu aposto aquelle frango de cabidella em como nenhum de vocês será capaz de realisar até ao fim do dia o que eu tenho conseguido até agora.

ERNESTO.— (*Tirando dinheiro do sacco.*) Eu já arranjei dez cartões de bonds.

VICTORINO.— Eu tenho mil e oitocentos.

MAGALHÃES.— Eu lhes apresento dez de cinco, e quatro cartões da Ferry.

CARNEIRO.— Decididamente eu expiraria de bom grado nos braços da epidemia, para deixar a viuva amparada por um protector da tua ordem.

GONZAGA.— A' saude do Magalhães.

VICTORINO.— Fallemos em these. Pela segunda vez — á saude dos Tenentes do Diabo, e ha de ser cantada.

TODOS.— (*Menos Magalhães que come durante o canto que se segue.*) Apoiado!

CARNEIRO.— Canto eu. (*Canta.*)

Em prazeres e folias  
Corre a vida venturosa;  
Este mundo desgraçado  
E' daquelle que mais goza!

Eia, pois, rapaziada,  
Toca a rir, toca a folgar,  
Não devemos nesta vida  
Duras penas supportar.

*côro (Com acompanhamento de copos)*

Em prazeres e folia  
Corre a vida venturosa,  
Este mundo desgraçado  
E' daquelle que mais goza.

CARNEIRO

Somos praças do diabo,  
Mas a Deos idolatramos,  
Pois as lagrimas da viuva  
Com prazer nós enxugamos.

Eia, pois, rapaziada,  
Das garrafas demos cabo ;  
Viva a tropa caridosa  
Dos Tenentes do Diabo.

*côro*

Eia, pois, rapaziada,  
Das garrafas demos cabo,  
Viva a tropa caridosa,  
Dos Tenentes do Diabo.

Todos.— Bravo ! bravo !

## SCENA II

OS MESMOS e o CRIADO

CRIADO.— Acaba de chegar um bond. Quem qui-

zer ir para a cidade, ande depressa, antes que se complete a lotação.

CARNEIRO.— (*Indo á janella. Todos deixão a mesa.*) Já não ha lugar ; está cheio como a barriga do Magalhães ! Ficárão trez familias a ver navios, com umas caras tão desconsoladas...

VICTORINO.— Aproveitemos aquelle grupo. A collecta alli deve ser rendosa.

TODOS.— Vamos. (*Sahem, levando Magalhães um pão comsigo.*)

### SCENA III

O CRIADO, CAMILLO, ELVIRA e JOSEPHA

CRIADO.— (*Examinando a mesa.*) Irra ! Se o tal sujeito fica aqui mais meia hora, era capaz de devorar os guardanapos !

CAMILLO.— (*Entrando com Elvira e Josepha.*) Não se assustem, minhas senhoras, VV. Exs. têm a seu lado um cavalheiro.

ELVIRA.— (*Afficta.*) A esta hora anda papai á minha procura. Como não estará mamãe afficta ! Logo no dia de seus annos !

CAMILLO.— Socegue, minha senhora.

JOSEPHA.— E meu marido, minha Nossa Senhora das Candeias ! Antes eu tivesse ficado em Minas. Eu bem não queria vir ao Brazil.

CAMILLO.— V. Ex. é mineira ?

JOSEPHA.— Sim, senhor ; nasci na freguezia da Meia Pataca.

CAMILLO.— E' por conseguinte meia pataqueira ?

JOSEPHA.— No que tenho muita honra. Chamo-me Josepha Pimenta, estou casada ha dois mezes

com o Sr. Joaquim Pimenta, que tem dois filhos do primeiro matrimonio, chamados Casusa Pimenta e Manduca Pimenta.

CAMILLO.— (*A parte.*) Safa ! Que pimenteira ! Esta familia é um môlho !

ELVIRA.— Onde estará papai, meu Deos ? !

CAMILLO.— Não imagina V. Ex. o favor com que bemdigo este feliz incidente.

CRIADO.— Os senhores querem alguma cousa ?

CAMILLO.— Vai-te embora, deixa-nos em paz. (*O criado sahe.*)

#### SCENA IV

OS mesmos menos o CRIADO

CAMILLO.— Vou marcar na minha folhinha este venturoso domingo.

ELVIRA.— E o senhor a gracejar em uma situação destas !

CAMILLO.— O que tem esta situação ? Quer que chore ? Não estamos um ao lado do outro ?

ELVIRA.— O coração bem estava me dizendo que eu não devia ir á cidade. Saio de casa afim de comprar na rua do Ouvidor um presente para dar a mamãi...

CAMILLO.— E quiz a minha boa estrella que seu pai, ao chegar, ás trez horas da tarde, na rua Gonçalves Dias, no meio da lufa-lufa do povo, que alli se apinha á espera de bonds, tomasse o carro do Jardim Botânico pelo das Lorangeiras, que investisse para elle, que V. Ex., mais ligeira, alcançasse um lugar, e que elle ficasse na plata-fórma, sendo d'ahi enxotado pelo urbano, por estar fóra da

ção. Nada mais natural. V. Ex. não deu por  
; o bond partio, e eis-me a seu lado, fruindo  
ventura que me esperava. (*Vae á janella.*)

JOSEPHA. — (*Desce.*) Ah! minha Nossa Senhora  
Candêas, que lembrança desgraçada teve aquel-  
homem em querer por força vir visitar hoje a co-  
dre. O senhor não avalia em que assados me vi-  
ão-me tamanho feticção no vestido, que descose-  
me todo o franzido, perdi o chapéo, romperão-  
o chale, estive entalada na porta do carro dois  
autos sem poder tomar respiração, puzerão-me  
fim mais arripiada do que uma gallinha no chô-  
Sento-me furiosa, parte o bond e quando procu-  
pelo Sr. Pimenta...

CAMILLO. — Tinha ficado tambem, graças a lo-  
ão.

JOSEPHA. — O senhor não me explicará que histo-  
é esta de lotação?

CAMILLO. — A lotação, minha senhora, é uma me-  
la empregada pela policia, para que ninguem  
ha incommodado dentro dos bonds.

JOSEPHA. — Pois olhe, mais incommodada do que  
vim é impossivel! Lá na Meia Pataca não ha lo-  
ão, e a gente anda como quer. Onde está meu  
rido? O senhor comprehende, estou casada com o  
menta apenas ha dois mezes...

CAMILLO. — Devem ter tido uma lua de mel muito  
lida.

ELVIRA. — Leve-nos para a casa, senhor; iremos  
n esta senhora e eu explicarei tudo a meu pai.

CAMILLO. — Tenha paciencia; havemos de jantar  
itos. Vou chamar o criado e mandar preparar o  
e houver de mais exquisito. (*Canta.*)

Bem unidos  
Jantaremos,  
Quão felizes  
Não seremos!

Teu talher  
Junto do meu!  
O meu rosto  
Junto do teu!

Que ventura  
Vou gozar!  
Que mais posso  
Desejar?

ELVIRA

Minha mãe,  
Pobre coitada,  
Deve estar  
Angustiada.

JOSEPHA

E o Pimenta  
Lá ficou,  
Sem saber  
Aonde estou.

CAMILLO

Não se zangue,  
Deixe estar,  
Nós havemos  
De o encontrar.

TODOS

ELVIRA	JOSEPHA	CAMILLO
Minha mãe, etc.	E o Pimenta, etc.	Não se zangue,

CAMILLO.— (*Grilando para dentro.*) Garçon! Gar-

ELVIRA.— Vou partir sósinha no primeiro bond.

CAMILLO.— Não consinto. (*Apparece o criado.*)

Garçon, prepara naquella sala um jantar para trez.

JOSEPHA.— (*Para o criado.*) Oh! sen Garçon, o Sr.

me fazer um obsequio? Estou toda descosida,

houvesse lá dentro uma agulha...

CAMILLO.— Vá com elle, minha senhora, e falle

dentro com a madama, que ha de encontrar tudo

o que precisa. (*Sahem Josepha e o criado.*)

### SCENA V

#### CAMILLO e ELVIRA

CAMILLO.— Estamos sós. Que ventura! querida

ELVIRA.— Meu Deos! o senhor causa-me medo.

que me olha assim?

CAMILLO.— Porque te olho assim?! Pergunta a

porque cicia medrosa em noites estrelladas, no

estado turybulo das fôres; pergunta á vaga por

desfaz-se na branca areia em alvos risos de es-

ta; ao humilde passarinho porque exhala sau-

threnos quando a aurora derrama roseos pran-

te luz sobre a campina verdejante; ao desgraça-

porque sorri em horas de esperança. Porque te

olha assim?! E' que eu bebo a vida em teus olhos

meus, e quizera exhalar o ultimo suspiro aspiran-

teu lado o grato perfume dessas tranças de

meu

ELVIRA.— Mas o senhor nunca me fallou por

esse modo.

CAMILLO.— O que querias que te dissesse se tens estado juntos apenas cinco minutos, e se o unico coisa que me resta é passar todas as tardes por tua casa, e ver-te á janella?

ELVIRA.— Não que tem feito muito mal, porque a vizinhança tem hoje as vistas em cima de nós, e segundo me consta já tenho sido até assumpto de conversação no açougue da esquina.

CAMILLO.— O que devo fazer então? Queres que não passe mais por tua porta?

ELVIRA.— Não digo isso... mas o senhor bem sabe que quando as cousas chegam a um certo ponto. Porque ainda não fallou com papai?

CAMILLO.— Mas se eu não conheço teu pai, nem nunca o vi, como hei de sem mais nem menos, sem uma apresentação sequer, entrar-lhe pela casa dentro, e pedir-lhe a tua mão?

ELVIRA.— Eu já lhe contei tudo.

CAMILLO.— Devéras! Então teu pai me conhece?

ELVIRA.— Não o conhece pessoalmente, mas como que tem as melhores informações a seu respeito!

CAMILLO.— E quem lh'as deu?

ELVIRA.— Esta sua criada.

CAMILLO.— Oh! quanto sou feliz! Dou-te minha palavra que amanhã envergarei a casaca pretta, calçarei um par de luvas brancas e... (*Gritão dentro* — Vivão os Tenentes do Diabo!)

ELVIRA.— O que é isto?

CAMILLO.— Esconda-se depressa alli.

ELVIRA.— Não; vou-me embora.

SCENA VI

Os mesmos, VICTORINO, ERNESTO, GONZAGA,  
MAGALHÃES e CARNEIRO

*(Que vem de dentro cantarolando)*

E viva o Zé Pereira,  
Pois que a ninguem faz mal,  
Viva a bebedeira  
No dia de carnaval, etc.

CAMILLO.— Esconda-se, minha senhora.

CARNEIRO.— Oh ! cá está o Camillo. *(Vendo Elvira no momento em que esta entra para a esquerda baixa.)*  
Olé, temos contrabando ?

CAMILLO.— Por favor deixem-me só.

GONZAGA.— *(Rindo-se.)* O mitra tinha conquista ;  
por isso é que não quiz se incorporar á troça.

VICTORINO.— *(Para Camillo.)* E's um tenente degenerado.

CARNEIRO.— Meus senhores, eu sou o homem da justiça. Assim como ha pouco tive a honra de vos propôr que o Magalhães fôsse promovido a capitão do diabo pelo muito que tem trabalhado em prol da barriga, proponho agora que demos baixa quanto antes no Camillo, e que se mencione este acontecimento em ordem do dia.

Todos.— Apoiado ! apoiado !

CAMILLO.— Pois sim, dêem-me baixa, reformem-me, tirem-me o titulo de barão de Kikiriquí com que me agraciárão, mas deixem-me só, pelo amor de Deos. *(Entra para a direita.)*

CARNEIRO.— *(Gritando para a direita.)* Queremos ver esta conquista.

TODOS. — Ah! ah! ah!

MAGALHÃES. — (*Tirando uma nota do sacco.*) Meus senhores, uma nota de dez mil réis arrancada com argumentos irresistiveis da carteira de um usurario!

### SCENA VII

VICTORINO, ERNESTO, GONZAGA, MAGALHÃES, CARNEIRO e RAMIRO

RAMIRO. — (*Entrando com um queijo embrulhado e diversos embrulhos sobraçados.*) Boa tarde, meus senhores. Os senhores não virão por aqui uma menina de vestido branco, nariz aquilino, cabellos crespos, um pequeno signal na face direita...

CARNEIRO. — Baixota, gordota, bonitota? Não vimos, não, senhor.

RAMIRO. — Deixem se de caçoadas, que eu fallo sério. Quem é o dono da casa?

CARNEIRO. — (*Olhando para o queijo.*) Quer que lhe allivie deste peso?

RAMIRO. — Mas com os diabos isto é para desesperar!

MAGALHÃES. — Meu caro amigo, chegou a proposito.

RAMIRO. — Acaso sabe onde ella está? Oh! diga-me, senhor, pelo amor de Deos, onde está ella?

MAGALHÃES. — Ella quem?

RAMIRO. — Minha filha, que perdeu se em um bond, e que a esta hora vaga pela cidade, sem uma bengala que a proteja. Eis ahi em que deu a medida da policia. Chuche, seu Ramiro! Não ha nada como morar fóra da cidade, dizem todos. Pois não, é opti-

mo ! Vae um cidadão para casa, carregado como uma carroça de trastes, leva muitos trambulhões, pontapés e soccos, para escalar um bond; quando julga-se aboletado, empurrão-o da plataforma, porque a lotação está completa, e lá se vae um pai sem uma filha, uma familia sem chefe... Isto é, para fazer perder a cabeça !

MAGALHÃES. — (*Mostrando o sacco.*) Em todo o caso foi a Providencia que aqui o trouxe para praticar uma boa acção.

RAMIRO. — O que quer o senhor com este sacco ?

MAGALHÃES. — Uma esmola para as victimas da epidemia de Buenos-Ayres.

RAMIRO. — Sim, senhor; dou a esmola; mas fique sabendo que no Rio de Janeiro ha uma epidemia maior do que todas as que possão assolar o universo.

MAGALHÃES. — Qual é, meu caro senhor ?

RAMIRO. — A epidemia da caridade. Ha uma chuva de gafanhotos na China, o Brazil, que tem grandes interesses no Celeste Imperio, trata logo de minorar os soffrimentos dos sectarios de Confucio. Arvora-se uma commissão com o respectivo presidente, que sae pelas ruas a esmolar. Livre-se então quem puder. Amigos, conhecidos, desconhecidos, todos, ninguem escapa, todos hão de concorrer com o seu obolo para o sacco : em outro tempo dois vintens era o obolo do remediado; a praga dos cartões, porém, matou o cobre, e quando nos apresentam uma saccola, lá se vão de pancada dois tostões. A caridade, esse sentimento rei, que o Christo depositou no sanctuario da

nossa consciencia, tornou-se uma virtude official. Esmolão arregimentados, com murças, insignias, nas portas dos templos, dos theatros, do passeio, nas cancellas do Jockey Club, por toda a parte, emfim, onde a philanthropia fique bem patente. O Evangelho diz que a mão direita não deve saber o que dá a esquerda. O que a mão direita dá, entre nós, não só o sabe a esquerda, como um terceiro, que se colloca entre o rico e o pobre como procurador deste. Um philanthropo quer commemorar o nascimento de um filho ou o anniversario natalicio da mulher, liberta o ventre de uma escrava de oitenta annos, e manda publicar logo em todas as folhas diarias: « Acto de philanthropia. O Sr. Fulano de Anzóes Carapuça, querendo solemnizar o dia, etc., etc., libertou o ventre de sua escrava Quiteria. Actos como este não se commentão. » Outros libertão ventres, que ainda podem dar fructos, e vivem desconhecidos na sociedade

MAGALHÃES.— Pois bem, meu amigo, proteste, mas pague.

RAMIRO.— Já lhe disse que dou a esmola. O que desejo é que os senhores, mancebos em cujos peitos pulsão os mais generosos sentimentos, se convenção de que vão no meio em todo este negocio, como eu. As honras, as condecorações, os agradecimentos officiaes e as tetéas, são para os graúdos, ao passo que para os pequenos ha a consolação de voltarem-se para o céo e exclamarem — Meu Deos, vós sois testemunha de que eu fiz o bem pelo bem. Aqui tem dez tostões.

MAGALHÃES.— Obrigado. Fallou como um Demosthenes.

RAMIRO.— (*Canta.*)

Nesta terra caridosa  
Os pequenos e miudos,  
Servem todos, sem excepção,  
De degrão para os graúdos.

Muito tolo é quem trabalha  
Para os grandes elevar,  
Que no dia da ascensão  
Pontapés ha de tomar.

Elles são grandes gigantes,  
Nós pequenos pygmeus:  
Elles sabios e illustrados,  
Nós camellos e sandeus.

Nesta terra caridosa  
Os pequenos e miudos,  
Servem todos, sem excepção,  
De degrão para os graúdos.

Mas onde estará minha filha? Elvira, anjo de candura, onde páras? Olá de dentro?

CARNEIRO.— (*Olhando para o fundo.*) Lá está um grande grupo. A elle, rapaziada! (*Sahem todos correndo.*)

### SCENA VIII

RAMIRO e depois JOAQUIM PIMENTA

RAMIRO.— O sangue sobe-me á cabeça, eu vou ter um ataque.

PIMENTA.— (*Entrando a toda pressa pelo fundo.*)  
O senhor não viu por aqui uma moça de vestido branco... ?

RAMIRO.— Diga, falle, senhor, onde é que a viu ? Nariz aquilino, cabellos crespos...

PIMENTA.— Não, senhor; nariz chato, cabello corrido, e acode pelo nome de Josepha.

RAMIRO.— Ora bolas ! então não é ella.

PIMENTA.— De quem é que o senhor falla então ?

RAMIRO.— De minha filha, que perdeu-se em um bond, desgraçado !

PIMENTA.— É eu fallo de minha mulher, que sumio-se tambem em um carro, que veio para o Jardim Botânico. Que dia, meu prezado senhor ! Minha mulher perdida e eu com este furioso gallo na testa. E quer saber porque foi tudo isto ? Por causa da lotação.

RAMIRO.— E não sabe tambem o senhor que, por causa da lotação, acho-me agora aqui, com estes embrulhos, e este queijo londrino, que devia figurar a esta hora no banquete dos annos de minha mulher, que todos os convidados lá estão á minha espera, e que minha filha anda por ahi exposta ás chufas do primeiro valdevinos ?

PIMENTA.— É minha mulher ? Uma creatura innocente e angelica, nascida na freguezia da Meia-Pataca, uma toutinha que nunca veio á côrte, e que será capaz de aceitar o braço do primeiro bigorrilhas, que lhe queira ir mostrar o peixe-boi do Fialho. Eu vinha para as Larangeiras e ella veio parar para estes lados.

RAMIRO.— Justamente como eu.

PIMENTA.— Quando investi para o carro e pro-

curei ganhar o estribo, um malvado arruma-me tamanho socco, que cahi sobre as pedras, fazendo este gallo na testa.

RAMIRO. — Não é exacto. Conte o caso como o caso foi. O senhor, ao subir para o estribo, escorregou; neste escorregão, segurou-se á aba da sobrecasaca de um individuo, procurando arrastal-o tambem na quéda.

PIMENTA. — Como sabe o senhor isto?

RAMIRO. — Porque foi este seu criado quem teve a honra de dar-lhe o socco.

PIMENTA. — E o senhor diz-me em face semelhante cousa?

RAMIRO. — Ora, vamos lá; quer brigar?

PIMENTA. — Ha de dar-me uma satisfação em publico.

RAMIRO. — Dou-lh'as todas que quizer; pago-lhe até o curativo do gallo; mas lembre-se que estamos empenhados em uma causa commum, para a qual devem convergir presentemente todos os nossos esforços.

PIMENTA. — Sim, um socco nem um cidadão! Não é nada. E' sabido que sou influencia na Meia-Pataca...

RAMIRO. — Diga antes — influencia de meia pataca, como são todas as de aldeia.

PIMENTA. — Não me falte ao respeito, senhor.

RAMIRO. — Perdão, não me fiz bem comprehender; eu queria dizer influencia apatacada, que é a verdadeira influencia.

PIMENTA. — Aceito a explicação. Ora, sendo eu conhecido na freguezia pelo meu apego a todos os governos, necessariamente a *Reforma* ha de aproveitar este incidente para um boato.

RAMIRO.— Deixemo-nos de questões ociosas. Quer ou não achar sua mulher?

PIMENTA.— E para que fim vim eu cá?

RAMIRO.— Então vamos para o jardim; o senhor procura por um lado e eu por outro. Os signaes de minha filha são os seguintes: vestido branco, nariz aquilino, cabellos crespos e pretos. E' clara.

PIMENTA.— Abi vão os da minha mulher: cara larga, nariz chato, falta de um queixal, está um pouco indefluxada e traz uma liga verde.

RAMIRO.— Muito bem; vamos embora. (*Canta.*)

Ao Jardim sem mais demora,  
Vamos ambos procurar,  
O senhor a cara esposa,  
Eu a vida do meu lar.

PIMENTA

Oxalá que as encontremos,  
No que não tenho esperança,  
Procuremos as tontinhas,  
Que a noite já se avança.

RAMIRO

Ao Jardim sem mais demora  
Vamos, etc., etc.

PIMENTA

Oxalá que as encontremos  
No que, etc., etc.

PIMENTA.— Vainos! (*Sue sem chapéo, com Ramiro, pelo fundo.*)

**SCENA IX**

CAMILLO, JOSEPHA e depois PIMENTA

JOSEPHA.— O senhor disse que nos levava para casa, logo que acabassemos de jantar.

CAMILLO.— (*A' parte.*) Que sarna! (*Alto.*) E' verdade, mas eu não sei onde a senhora mora.

JOSEPHA.— E' na rua... (*Procurando lembrar-se.*) uma rua muito suja.

CAMILLO.— No Rio de Janeiro não ha rua que seja limpa. Já vê que estamos na mesma.

JOSEPHA.— Rua de...

PIMENTA.— (*Entrando para procurar o chapéo; á parte.*) Olá! minha mulher com um sujeito! Ui! que picada no gallo!

JOSEPHA.— Rua de...

PIMENTA.— (*A' parte.*) Está lhe ensinando a casa.

JOSEPHA.— Eu vou perguntar á mocinha; ella ha de saber. (*Entra pela direita.*)

**SCENA X**

CAMILLO e PIMENTA

(*Pimenta dirige-se a Camillo e contempla-o com raiva, abanando a cabeça, pequena pausa.*)

CAMILLO.— (*A' parte.*) O que quererá este sujeito?

PIMENTA.— Conhece-me? sabe quem eu sou?

CAMILLO.— Não tenho essa honra.

PIMENTA.— Ponha o seu chapéo e vamos á policia.

CAMILLO.— A' policia?!

PIMENTA.— Ande, senhor.

CAMILLO.— Ora, vá pentear macacos.

PIMENTA.— Ah! miseravel, pensavas que pode-

rias abusar impunemente da posição de uma moça, que é sorprendida em um bond, sósinha, inerme, sem defesa...

CAMILLO. — (*A' parte.*) Com os diabos! é o pai de Elvira!

PIMENTA. — Vae já me pagar.

CAMILLO. — Estou prompto a reparar tudo, senhor.

PIMENTA. — A reparar tudo! Então ella commetteu uma falta?! Ai! meu Deos! quero ar! quero ar!

CAMILLO. — Socegue, senhor.

PIMENTA. — Estou com a vista escura! Segure-me. (*Desmaia nos braços de Camillo.*)

CAMILLO. — (*Gritando.*) Garçon? Garçon? (*Apparece o criado.*) Leva este senhor para dentro. (*O criado leva Pimenta para a esquerda.*) Estou perdido!

### SCENA XI

#### CAMILLO e JOSEPHA

JOSEPHA. — Já sei: é na rua de S. Diogo.

CAMILLO. — (*Passeiando apressado.*) Está bom, minha senhora; faça-lhe bom proveito.

JOSEPHA. — Vamos já, antes que anoiteça.

CAMILLO. — Póde ir sósinha, eu não a acompanho.

JOSEPHA. — Não me acompanha?! (*Chorando.*) Ai! meu Deos! o que será de mim?

CAMILLO. — Grita para ahi.

JOSEPHA. — (*Chorando.*) O senhor é um homem sem entranhas.

CAMILLO. — Melhor.

JOSEPHA. — (*Chorando.*) Não se condóe da posição de uma pobre desgraçada... Pois bem, eu ficarei aqui, e meu marido ha de achar-me. (*Entra para a direita.*)

## SCENA XII

CAMILLO e depois ELVIRA

CAMILLO.— Que os diabos te carreguem. E então o que me dizem a uma entaladella destas?

ELVIRA.— Vamos embora, senhor.

CAMILLO.— Elvira, está tudo perdido!

ELVIRA.— Tudo perdido!? Não o comprehendo!

CAMILLO.— Não podemos sahir d'aqui sem um grande escandalo!

ELVIRA.— E é o senhor que me fallava ainda ha pouco por aquelle modo, que me vem agora dizer...

CAMILLO.— E' por isso mesmo.

ELVIRA.— Comprehendo finalmente os seus planos. Tenho em meu poder uma donzella fraca e indefesa, disse com os seus botões, uma toliuha que teve a ingenuidade de declarar-me que me amava. Pois bem, vou abusar da posição que me deu a minha boa estrella, e divertir-me á custa da infeliz.

CAMILLO.— Mas, Elvira...

ELVIRA.— Deixe-me, vou partir já, em companhia daquella senhora. Os nossos amores estão acabados.

## SCENA XIII

Os mesmos, RAMIRO e depois PIMENTA

RAMIRO.— (*Entrando pelo fundo, á parte.*) Onde se metteria aquelle palerma? (*Deparando com Elvira.*) Ah! Elvira! Elvira! minha filha!

CAMILLO.— (*A' parte.*) Sua filha?!

RAMIRO.— Deixa-me abraçar-te; segura neste queijo. (*Dá o queijo, deparando com Camillo.*) Quem é este homem?

PIMENTA.— (*Entrando.*) Ah! ainda está ahí! Vamos para a policia, senhor.

RAMIRO — Para a policia?! Porque?

PIMENTA.— Vêem este libertino! ? é o seductor de minha mulher.

ELVIRA.— (*Indo abraçar-se com Ramiro.*) Meu pai, defenda-me.

CAMILLO.— Mas que diabo de mulher foi que eu seduzi? Eu pensava que o senhor fôsse o pai desta menina.

RAMIRO.— Então o negocio é com minha filha?

CAMILLO.— (*A' parte.*) Que embrulhada, meu Deos!

#### SCENA XIV

Os mesmos e JOSEPHA

JOSEPHA.— Estou prompta. (*Deparando com Pimenta.*) Pimenta! foi o céo quem te trouxe aqui!

CAMILLO.— Ah! Esta é que é a sua mulher? Ah! ah! ah!

PIMENTA.— E o senhor ainda ri-se?

CAMILLO.— Pois não quer que me ria? Ah! ah! ah!

PIMENTA.— Que desafôro!

CAMILLO.— Não precisa ter o incommodo de me levar á policia. D. Elvira explicar-lhe ha tudo.

PIMENTA.— Como sabe o senhor o nome de minha filha?

ELVIRA.— Papai, é o Sr. Camillo, aquelle moço de quem lhe tenho fallado por diversas vezes, e que passa todas as tardes lá por casa.

RAMIRO.— E vieste parar sósinha no Jardim Botânico com um namorado?!

CAMILLO.— E' verdade; porém um namorado res-

peitador e das melhores intenções, que aguardava solícito uma occasião para pedir-lhe este anjo em casamento.

RAMIRO. — Mas isto não é um sonho?

ELVIRA. — E eu quero, papai.

RAMIRO. — (*Com alegria.*) E eu também, minha filha!

PIMENTA. — (*Para Josepha.*) Não has de embarcar mais em bonds.

RAMIRO. — Pois. mi has filhas, hão de andar de ora avante sómente em bonds, e oxalá que todas se percão como esta. Bemdita lotação! Vou dar um abraço na policia.

### SCENA XV

Os mesmos, VICTORINO, GONZAGA, CARNEIRO, MAGALHÃES e ERNESTO

TODOS. — (*Os tenentes*) Vivão os Tenentes do Diabo!

CARNEIRO. — (*Vendo Pimenta.*) Lá está um que ainda não deu nada.

RAMIRO — (*Com alegria.*) Cheguem para cá todas as bolsas, estou radiante de felicidade. (*Dá dinheiro em todas as bolsas.*) Levem também este queijo, e fação o figurar em um tombolá. (*Dá-o a Carneiro.*)

(*A orchestra preludia o canto final, Ramiro dispõe se a cantar.*)

### SCENA XVI

Os mesmos e o CRIADO

CRIADO. — Chegou um bond da cidade.

(*Sahem todos correndo, com atropello, pelo fundo.*)

### CAE O PANNO

---

Petropolis. — Typ. do Mercantil, de B. Pereira Sudré.

Sonatas

O Sr. Duarte

Rio de Janeiro

As pitadas de

Julia, 500; O

no Rio de Janeiro

500; Um

dia em 4 actos

dois infernos, 3

benefícios de

no, 500; O Va

trindo no Afra

500; A orpã, 3

500; O Orna

magado o Pa

lesca, 500; O S

500; O Gra

ção, 40; A

gido dos m

O fim do am

Varições de

re, c. 18; Lo

Olhae... 500

media em 1 act

LIVROS Á VENDA

NA

LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO

76 Rua de S. José 76

RIO DE JANEIRO

---

**Scenas-comicas de Francisco Corrêa Vasques**

O Sr. Domingos fóra do sério !!! 500; O diabo no Rio de Janeiro, 500; Ah! como eu sou besta! 500; As pitadas do velho Cosme, 500; Os namorados de Julia, 500; O menino Monclar, 500; O Rocambole no Rio de Janeiro, 500; O Sr. Joaquim da Costa Brazil, 500; Um dos taes, 500; O Orpheu na roça, parodia em 4 actos, 1\$; Um actor sem theatro, 500; Os dois infernos, 500; Um bilhete! um bilhete para o beneficio do Graça, 500; Viva o circo Grande Oceano, 500; O Vasques pelos ares, 500; D. Rosa assistindo no Alcazar a um spectacle extraordinaire, 500; A orphã, 500; Por causa da Emilia das Neves, 500; O Gymnasio de roupa nova, 500; O Brazil esmagando o Paraguay, 500; O Zé Pereira Carnavalesco, 500; O Sr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar, 500; O Graça e o Vasques, 500; Joaquim sachristão, 400; A questão Anglo-Brazileira, 500; O advogado dos caixeiros, 500; O Orpheu na cidade, 1\$; O fim do anno, 500; Aguentem-se no balanço, 500; Variações de flauta, 500; A honra de um taverneiro, c. 1\$; Lagrimas de Maria, dr. 3 a.; Olhae!... Olhae!... 500; O Vasques em Maxambomba, comedia em 1 acto, 1\$000.

A familia, dr. 5 a. 2\$; Et cætera, reticencia. s. c. 500; Os filhos, dr. 5 a. 1\$500; Os parasitas, dr. 5 a. 1\$500; Nova Castro, tragedia, 1\$; Trinta annos ou a vida de um jogador, dr. 3 a. e 6 q., 2\$; A nodoa de sangue, dr. 3 a., 2\$; O sineiro de S. Paulo, dr. 4 a. e 1 prologo, 2\$, O cigano, dr. 2\$; A cigana, dr. 2\$; Um par de galhetas, c. 1 a., 1\$; Um casamento do seculo, dr. 3 a., 2\$; O capadocio, parodia burlesca da opera — Trovador — em 3 a. e 3 q., 1\$; A filha do administrador, c. 3 a. 1\$500; A condemnada, dr. em 1 q. e 3 a., 1\$500; Os dois irmãos, dr. 6 a., 2\$; O reino das fadas, c. phantastica, 2\$; Arthur ou depois de 16 annos, dr. 2 a. 1\$500; As nodoas de sangue, dr. 3 a., 1\$; Maria, com.-dr. 2 a., 1\$; O gaiato de Lisboa, dr. 2 a., 1\$500; De ladrão a barão, dr. 5 a., 2\$; Antes quebrar que turcer, dr. 3 a., 2\$; Luzia e Marçal, dr. em 2 a., 1\$; Os maridos são escravos, c. 3 a., 1\$; O mestre de danza, c. 1 a., 1\$; O livro das orações, com.-dr. 3 a., 1\$500; A feliz mudança do sexo, dr. 1 a., 1\$; A colerica, c. 1 a., 1\$; O noivo do Algarve ou astucia dos dois ladinos, c. 1 a. 1\$; Os vestidos brancos, dr. em 2 a., 1\$500; Os orphãos da ponte de Nossa Senhora, dr. 5 a. e 8 q., 2\$; O jogador, s. dr. de Pedrosa, 500; O desprezado, s. dr., 500; A negação da familia, dr. 4 a., 1\$500; Os amores de um padre ou a inquisição em Roma, dr. de Burgain, 1\$; O romance de um moço pobre, dr. 1\$; O anjo da meia-noite, dr. 2\$; Os apóstolos do mal, dr. 1\$500; O amor pelos cabellos, s. c. com biographia e retrato do actor Taborda, 1\$; O Sr. José do Capote, s. c. 500; A' sahida da tragedia, s. dr. 500; Historia de um marinheiro,

s. c. 400 ; Sem pés nem cabeça, s. 500 ; O amigo dos artistas, s. c. 500 ; Para as eleições, entre-actó, (3 homens), 1\$ ; Um sarão litterario, c. 1 a. representada pelo actor Taborda, 1\$ ; A esperteza de rato, 1\$.

**Scenas-comicas de Magalhães**

A historia de um cozinheiro, 500 ; Um contra-regra em apertos, 500 ; Amor pharmaceutico, 500 ; Um concerto de rabeça, 500 ; O caloteiro em calças pardas, 500 ; O Chico Frescata, marinheiro do brigue *Amizade*, 500 ; O mundo vae torto, 500 ; Não é caçoada não, 500 ; O soldado n. 43, 500 ; Todo mundo é postico, 500 ; O tio Mathias pagando uma visita de amisade, 500 ; O artilheiro, 500 ; As delicias do fadinho, 500 ; Na primeira qualquer cae, 500 ; Os priminhos, 500 ; O Quim-Quim e sinhá Rosa, 500 ; O Sr. Bento dos Pontinhos, s. c. 500 ; O nariz de folha, 500 ; O romance de um louco, scena dramatica, 500 ; Manél Escota entre as 10 e as 11, 500.

A correspondencia, s. c. 400 ; O joven Telemaco, de Garrido, 1\$500 ; O orgulho do dinheiro, c. 1 a. 1\$ ; Vingança, drama tirado do romance de Herculano, o Monge de Cister, 1 a. 1\$ ; Homenagem a Taborda, 1 volume contendo biographia, retrato do actor Taborda e 8 scenas comicas e comedias, 2\$ ; Os amores de Antonico Juca, scena-comica, 400 ; Julia, dr. 3 a. 1\$500 ; A saia-balão, c. 1 a. 1\$500 ; Luiz ou a cruz do juramento, dr. 2\$ ; Leonor Brazil dr. 3 a. 1\$ ; O maldito, s. dr. 400 ; Vampiros sociaes, dr. 1\$500 ; Fallar verdade a mentir, c. 1 a. 1\$ ; O remorso vivo, dr. 2\$ ; As duas orphãs, drama em 1 a. Os lazaristas, dr. 1\$ ; Os engeitados, dr. 1\$500 ; Os mineiros da desgraça, dr. 2\$ ; Os pupilos do escri-

vo, com.-dr. 1\$500; Lourencinho, dr. 1\$500; A morgadinha de Val-Flor, dr. 1\$; A viuva do meu amigo, c. 1\$; Os voluntarios da honra, com.-dr. 1\$500; José do Telhado, dr. 2\$; O condemnado, dr. 1\$500; A estatua de carne, dr. 1\$; Supplicio de uma mulher, dr. 1\$; A familia, dr. 5 a., por Quintino Bocayuva, 1\$500; A dedicação, dr. 4 a., 1\$500; Os noivos, opera em 3 a., por Arthur de Azevedo, 1\$; As mulheres de marmore, dr. 2\$; Os homens que riem, dr. 2\$; Lagrimas de Maria, dr. 1\$; A honra de um taverneiro, dr. 1\$; Pedro, dr. 1\$500; Abel e Caim, dr. 1\$500; Alvaro da Cunha ou o Cavalleiro de Alcacer-Quibir, dr. 2\$; Fernanda, c. 1\$500; Os homens de Marmore, dr. 1\$500; Trabalho e honra, c. 1\$500; Probidade, dr. maritimo, 1\$000; Os sinos de Corneville, dr. 1\$; Um cura de almas, dr. 2\$; Sonhos de ouro, dr. 1\$; O orphão e o mendigo, dr. 2\$; João Brandão, dr. 1\$000.

---

O lobishomem : comedia em 1 acto, por Theophilo Soares Gomes, 600 réis.

Prazeres e dôres, drama em 2 actos, 1\$000.

Primo (O) da California, comedia, 1\$000.

Probidade, drama, 1\$500.

Protocollo (O), comedia em 1 acto, 1\$000.

Punição, drama, 2\$000.

Pupilas (As) dos negros nagôs, ou a força do sangue, drama, 2\$000.

Pupilas (As) do Sr. reitor, 1\$500.

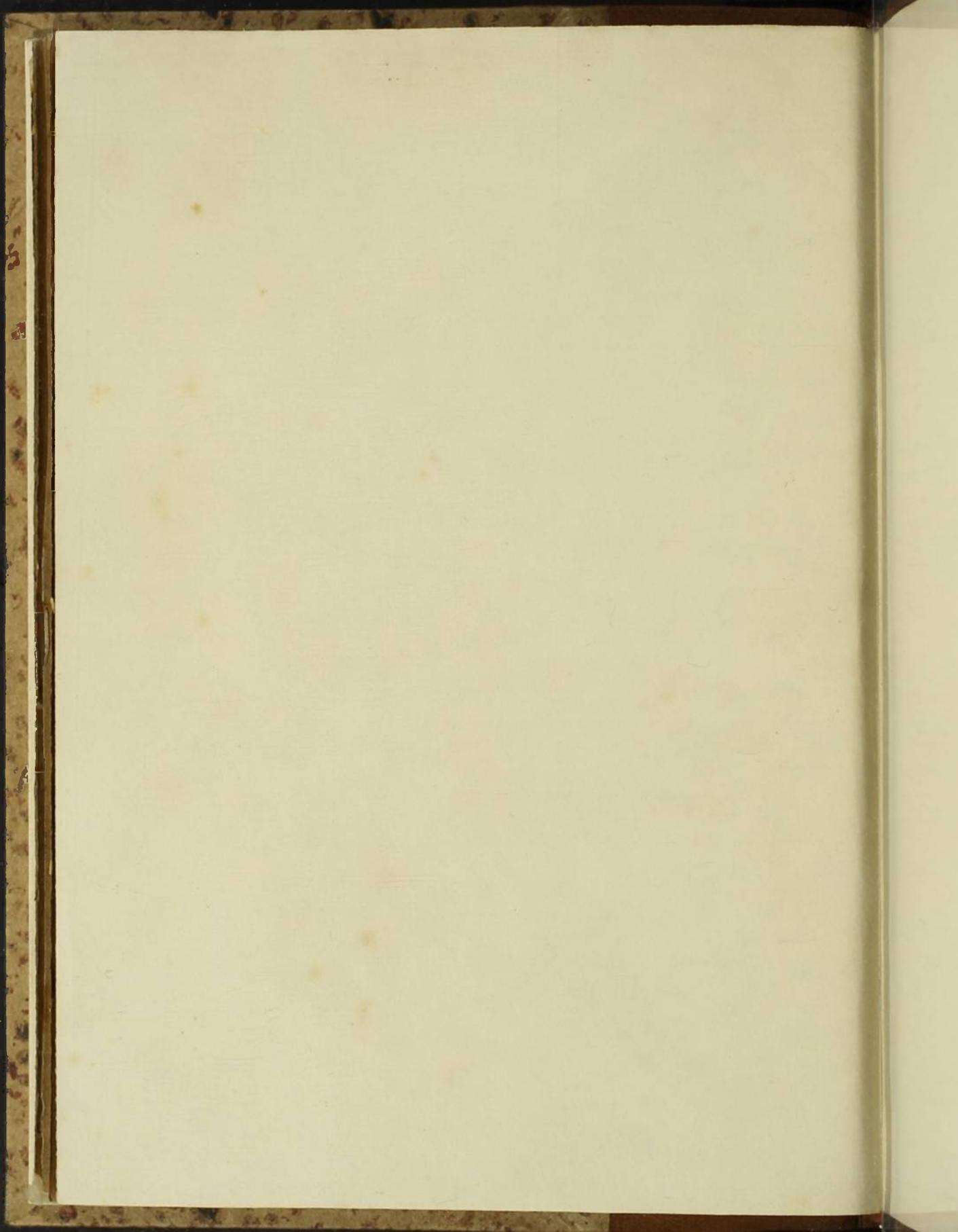
Pupilas do escravo, drama, 1\$500.

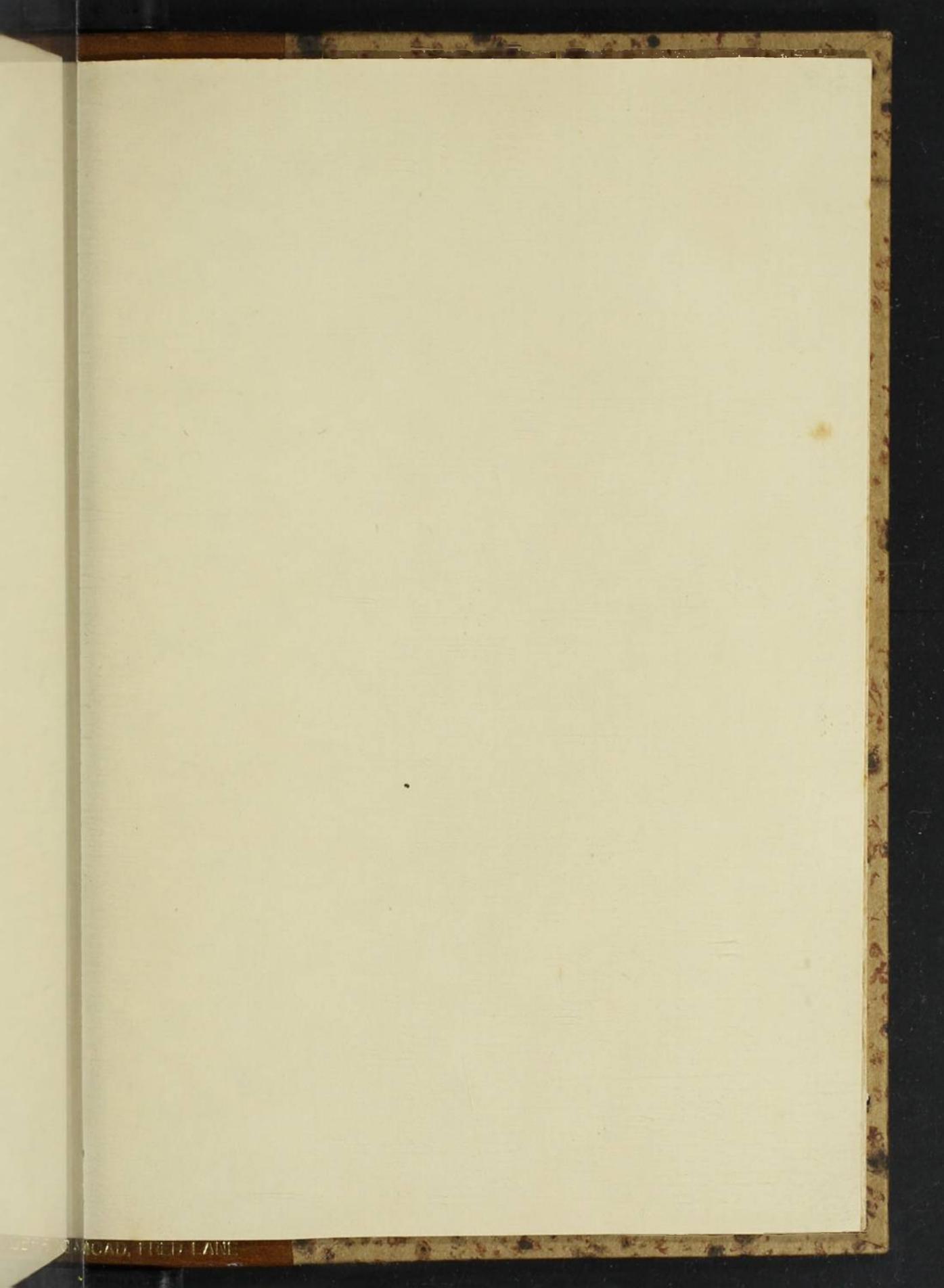
Quasi que se pegão, comedia em 1 acto, 640.

Quem casa quer casa, comedia em 1 acto, 1\$000.

18339







ISL



